

O MOINHO:
revisitando a minha história

Copyright © Rolande Paule Rozen Fichberg, 2021

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os
meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Eugenio Arcanjo e Sofia Débora Levy

PROJETO GRÁFICO E CAPA Jenyfer Bonfim

ACERVO FOTOGRÁFICO Organizado por Deborah Rozen

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F466m

Fichberg, Rolande Paule Rozen, 1939-

O moinho: revisitando a minha história / Rolande Paule Rozen Fichberg; organização Sofia
Débora Levy. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021.

328 p. ; 16x23 cm.

ISBN 978-65-89925-48-4

1. Judeus - Brasil - História. 2. Imigrantes - Brasil - Biografia. 3. Refugiados judeus - Brasil
- Biografia. I. Levy, Sofia Débora. II. Título.

21-74811

CDD: 940.5318092

CDU: 929:94(100)"1939-1945"

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels. (21) 3553-2236 / 2215-3781
vendas@letracapital.com.br
www.letracapital.com.br

Rolande Paule Rozen Fichberg

Organização: Sofia Débora Levy

O MOINHO:
revisitando a minha história

LETRAPITAL

*Em memória de meus pais,
Charles e Renée Rozen,
e de minha irmã,
Mauricette Rozen,
com meu amor eterno e incondicional.*

*“Gostaria de ajudar a todos, sempre que possível,
judeus, gentios, negros, brancos.
Todos nós queremos ajudar uns aos outros.
O ser humano é assim”.*

*“Vocês, as pessoas,
têm o poder de fazer essa vida linda e livre,
de fazer dessa vida uma aventura maravilhosa.
Então, em nome da democracia,
vamos usar esse poder, vamos todos nos unir!
Vamos lutar por um mundo novo, um mundo decente,
que vai dar ao homem uma chance de trabalhar,
que vai dar o futuro à juventude e a segurança aos idosos”.*

Charles Chaplin

Do discurso final de “O Grande Ditador”

Sumário

Prefácio	11
Preâmbulo – Rolande: sensibilidade e amor	17
Agradecimentos	19
Apresentação	21
1. Introdução: do presente para o passado	23
2. A vida antes da guerra	39
3. 1939: Meu nascimento e a II Guerra Mundial	52
4. 1940: Bélgica – ficar ou sair?	56
Henriette Korjenewski Kornblum e família (1940-1945)	56
Maurice Korjenewski e família	62
A família Rozen	66
A fuga no caminhão: da Bélgica para França	79
5. 1940-1942: Villeneuve-de-Rivière	83
1940: A vida no Moulin	83
1941-1942: A clandestinidade como não judeus	87
6. 1942: Fuga da França para a Suíça	94
7. 1943-1945: Refugiados na Suíça	105
Mauricette com Edita e Madame Imperatori em Vevey	105
Mamy e Papy Monnet em Yverdon-les-Bains	109
Mudança de lar de Mauricette	113
8. 1945: Fim da guerra	116
Retorno da família Korjenewski	119
Os irmãos Rozen voltam a Bruxelas.....	121
Nossa vida em Bruxelas.....	124
Saudades de Mamy e Papy	126

9. Vistos para emigração.....	131
Nossa emigração para o Brasil	131
A emigração da família Rozen.....	141
A emigração da família Korjenewski	149
10. Brasil Tropical	153
Chegada ao Rio de Janeiro, capital do Brasil	153
Vida em Niterói, capital do Estado do Rio de Janeiro	157
De Niterói para a cidade do Rio de Janeiro, Distrito Federal.....	172
11. A vida em São Paulo.....	188
O sonho do restaurante	188
A política entra na minha vida.....	198
Novas conquistas	211
Em busca do amor	220
Meu casamento.....	240
12. Raízes fincadas em Niterói	256
13. De BDF para ADAF	270
14. O reencontro dos irmãos Rozen.....	277
15. De comerciante à proprietária	284
16. Cidadã brasileira.....	296
17. Epílogo	304
Assista ao vídeo: https://youtu.be/1mbPkkL0AYA	325

Prefácio

“Lembro que minha mãe nos levou para assistir esses desfiles e nos recomendou nunca esquecer esse momento, pois era um acontecimento histórico que nunca mais teríamos a oportunidade de ver.”

“Você não pode odiar, mas não pode esquecer.”

“Você é uma criança judia. Jamais esqueça tudo o que o povo judeu passou...”

Desde criança, Rolande Paule Rozen (Fichberg por casamento), nascida a 28 de dezembro de 1939, ouviu de seus pais que era imperativo lembrar dos acontecimentos vividos. O martelar contínuo das recomendações paternas do “lembrar para não esquecer”, que em um contexto mais amplo do pós-guerra viria a ser o lema das associações de sobreviventes do Holocausto e dos resistentes franceses, transformou-se para a autora em compromisso existencial, dever de memória para com a sua família, com os judeus, e sobretudo, com a história. Nada mais natural, portanto, que este seja um livro de memórias.

Este é o segundo livro de memórias da autora. No primeiro, *Meus Companheiros de Viagem* (2010), Rolande já havia narrado parte da sua trajetória pessoal e da sua família. Todavia, a repercussão causada entre familiares espalhados pelo mundo a fez entrar em contato com outras memórias, outras versões dos acontecimentos que, se algumas vezes alteravam as narrativas herdadas da mãe, outras a complementavam e até acrescentavam outras percepções.

Assim, fazendo valer seu enraizado “dever de memória” e seu elevado senso histórico, Rolande perseguiu resquícios de memórias por meio de entrevistas com tios e primos, e com a ajuda competente de Sofia Débora Levy, psicóloga e pesquisadora especialista na temática do Holocausto, co-tejou os relatos com a cronologia da guerra, coletou fotos, localizou lugares, identificou pessoas, vasculhou os arquivos públicos de vários países e de fundações ligadas à memória dos sobreviventes da Shoah até encontrar todos os seus mortos.

Poder-se-ia dizer que, tal qual os historiadores, “farejou” nos fios dos relatos de seus familiares “rastros” que a aproximassem de uma narrativa fidedigna da fuga da família em maio de 1940, de sua sobrevivência na França ocupada (1940-42) e posteriormente na Suíça, entre 1942-45.

Ao lançar luzes sobre os dias trágicos da guerra vividos pela sua numerosa família, e que remetem tanto a aspectos dolorosos e imperdoáveis do conflito, ela assinala, também, a solidariedade que permitiu que resistissem, a despeito das inúmeras perdas.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a autora, ao empreender tal esforço, ultrapassa o já citado dever de memória, muitas vezes objeto de manipulações políticas, para mostrar o trabalho de memória, isto é, como a narrativa final foi construída, a fim de alcançar aquilo que os historiadores acadêmicos chamam de “justa memória”, um entrecruzamento entre memória e história.

A partir da pesquisa, que durou aproximadamente dez anos, e na qual empregou todo seu tempo livre e empenhou seus recursos financeiros para ir e vir entre o Brasil e a França, a Suíça, os Estados Unidos e o Canadá, a autora nos leva até Bruxelas, às vésperas da invasão alemã, e nos apresenta à sua numerosa família, os Korjenewski, do lado materno, e os Rozen, do paterno. Sob o barulho dos tanques e das bombas alemãs, acompanhamos a grande família na sua fuga para a França e seguimos com eles até o sul daquele país na esperança de que encontrassem lugar nos campos de refugiados que tomaram conta da pequena Villeneuve-de Rivière, na região da Haute-Garonne, perto de Toulouse.

De Villeneuve-de Rivière, novamente acompanhamos a odisseia da família que, maculada por separações e perdas diversas – tios, primos, irmãs –, consegue o feito de atravessar os Alpes, encontrando certa paz na Suíça. Em troca desse “conforto”, a família nuclear de Rolande foi obrigada a se dividir, transitando intensamente entre as cidadezinhas de Leysin, Yverdon-les-Bains e Vevey.

Com fim da guerra, os quatro se reúnem e com eles voltamos para uma Bruxelas em ruínas onde, finalmente, os que sobreviveram a tal jornada se reencontraram. Porém, a emigração, estratégia possível para empreenderem um recomeço, os separaria definitivamente. Os Korjenewski e Rozem sobreviventes emigram para diferentes países, como o Canadá, os Estados Unidos e Israel, esfacelando mais uma vez a grande família. Rolande, a irmã Maurice, a mãe Renée e o pai Charles embarcam rumo ao Brasil.

Importante dizer que Rolande, em sua recusa ao esquecimento, escava as memórias familiares a tal ponto que nos dá a conhecer fragmentos de histórias de parentes cujas vidas foram ceifadas pelos nazistas, como o tio Jean, um resistente que morreu na plataforma do trem porque se negou a entrar no comboio que o levaria a Auschwitz; ou ainda, o tio Maurice, leva-

do pela SS e morto naquele campo, destino semelhante ao da avó Chana e do tio Albert, cujo dever filial não o permitiu se separar da mãe, atravessando com ela os campos da morte. Também o Tio Paul, pego aleatoriamente numa campanha de vingança dos oficiais alemães contra a população de Voiron, e que foi fuzilado juntamente com mais dois judeus. E ainda, os tios Gaston e Bernard que, sobreviventes dos campos, morreram de tifo no caminho de volta para casa. Mais, dá-nos a conhecer o terror das *raffes*, verdadeiros arrastões em que as tropas da SS invadiam as casas, prendiam os judeus e os deportavam para os campos.

Esses mortos há muito reclamavam justiça. Ao evocá-los em suas lembranças, a autora os livra do esquecimento, valorizando suas histórias individuais e transformando suas ausências em presença, alcançando, assim, a redenção e uma forma simbólica de reparação.

Em sua narrativa, Rolande, como se dialogasse com alguns filósofos e historiadores como Paul Ricouer, Jeanne-Marie Gagnebin ou Maurice Halbwachs, nos faz entender que o passado não está totalmente concluído e que proceder à justa memória é trazer à tona o trauma e, no seu encontro com o presente, vingar os mortos, como aponta Gagnebin. Tal movimento ao oferecer a reparação possível para esses mortos, simultaneamente, nos permite lutar contra estruturas e práticas autoritárias que permanecem e se reinventam constantemente no tempo.

Nesse sentido, a rememoração levada a cabo por Rolande não se reduz a um bom sentimento, mas a uma forma ativa de transformar o presente e impedir a repetição do mal.

Todavia, a potência narrativa do livro de Rolande Fichberg, não se esgota na reparação aos seus (nossos) mortos, mas avança para a reflexão sobre a emigração dos familiares como uma continuação da sua fuga, e da luta para sobreviver no mundo transformado pela guerra e em meio à construção de uma nova ordem. É isso o que vemos no esforço empreendido pelo seu pai, Charles, e pelos tios no seu movimento de ir e vir para se firmar em um país, em uma cidade, se estabilizar em um trabalho, criar suas famílias, resolver pendências com o passado e, principalmente, elaborar novos nexos identitários e laços de pertencimento social. É esse o objetivo da autora ao estender seu relato até o momento em que conquista sua cidadania brasileira.

É mister destacar que a reflexão empreendida pela autora é rara e, certamente, deverá ser vista como notável contribuição aos estudos sobre os processos de construção de identidade em um mundo de deslocados, de

busca de reconhecimento e legitimidade de imigrantes e refugiados nas sociedades em que escolheram para viver.

Mas isso não é tudo. Este é um livro que também fala da mulher como agente da sua história. Essa é Rolande Fichberg que, desde muito cedo, tomou sua vida em suas mãos. Antenada com as questões do seu tempo, trabalhou, criou filhos, militou politicamente, foi ativa feminista, solidariizou-se com o campo progressista, foi presa e torturada.

Em Niterói, foi e continua sendo uma “guardiã da memória” da Associação David Frischman de Cultura e Recreação, que conheceu nos anos 1940, assim que chegou à cidade, quando a instituição ainda era chamada de Biblioteca David Frischman, e que em 2022 completará 100 anos. Foi na qualidade de presidente da ADAF que a conheci em 2004, quando dava os primeiros passos no meu projeto de doutorado sobre a Coletividade Judaica de Niterói (RJ)¹, ocasião em que franqueou as portas do grupo para mim, avalizando meu trabalho e minhas intenções – afinal, por que uma não judia como eu queria escavar os segredos do grupo na cidade?

Naquela ocasião, tive a oportunidade de entrevistá-la diversas vezes, conversar longamente pelas madrugadas enquanto cotejava documentos, transcrevia relatos orais e escrevia a tese. Rolande sempre tinha uma história a mais para contar, todas carregadas de descrições cristalinas como se fatos que se passaram há 50, 60 anos tivessem acontecido no dia anterior.

Nesse aspecto, o leitor também será envolvido por sua narrativa afinal, como não se contagiar com as suas cinematográficas lembranças do passeio em Casablanca, onde o navio que trazia a família para o Brasil aportou para reabastecer? Como não sentir os cheiros dos temperos do mercado marroquino por onde passou, ou se emocionar com o cachorro Batata, que entrou clandestino no mesmo navio e teve que ser sacrificado? Ou, ainda, deslumbrar-se com a descrição do seu primeiro entardecer no Brasil, com a embarcação ancorada em alto mar tendo ao fundo a praia de Copacabana, tal qual um colar de pérolas? Mais do que isso, é possível sentir o cheiro do pão fresco saindo do forno da padaria do seu Papy, em Yverdon-les-Bains.

Rolande Fichberg, como a própria autora revela, era uma criança incomum que não aceitava ordens sem entender o porquê das coisas. “Hipermnésica”, é dotada de uma capacidade fora do comum de evocar lembranças. Talvez por isso tenha tomado para si a responsabilidade de

¹ CORTE, Andrea Telo. Os Judeus em Niterói. Imigração, Cidade e Memória. Niterói, PPGH-UFF (Tese de doutorado), 2009. Ver também: CORTE, Andrea Telo. *Prestamistas, comerciantes e doutores: os judeus em Niterói*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

escavar a memória, assumindo uma função de historiadora pública. Não sendo acadêmica, comprometeu-se a guardar a história avançando além do memorialismo, reelaborando-a como mostra o presente livro.

Finalmente, é preciso destacar que o período em que este livro foi escrito, caracteriza-se pela “emergência reacionária” desestabilizadora da democracia e das conquistas civilizatórias do pós-Segunda Guerra Mundial, alicerçadas na política de proteção aos direitos humanos, entre os quais, o reconhecimento jurídico do Holocausto dos judeus foi o grande marco. Tal reação, caracteriza-se, ainda, pelo negacionismo histórico e científico que busca confundir a verdade com processos políticos, morais e religiosos conservadores² que apontam para a ideia de verdades alternativas ou “pós-verdade.”³

Este processo é indissociável da captura da história como um fenômeno de consumo, nestas primeiras décadas do século XXI, seja nos termos do mercado editorial, seja nas redes sociais, solapando as bases do estatuto do historiador – a objetividade científica, o ajuizamento crítico da veracidade historiográfica e a ética –, e substituindo pela escrita de uma história midiática, onde os fatos objetivos são menos importantes na formação da opinião do que apelos à emoção e à crença pessoal.⁴

Resulta disso “uma história abusiva, desonesta nos usos das fontes e evocativa de um tipo de discurso mal-intencionado em suas conclusões, que defende outras versões da história,”⁵ pretensamente neutras.

Na contramão deste movimento, a autora nos oferece em *Le Moulin* uma história que tem o poder de colocar as coisas nos seus devidos lugares. O dever de lembrar de seus mortos, fazer-lhes justiça por meio da pesquisa científica e responder eticamente por suas vidas, ressalta a importância de que o conhecimento histórico deve buscar, mesmo que residualmente, a verdade dos fatos.

Dessa forma, o livro representa uma advertência àqueles que abusam da história, ao manipular informações e disseminar mentiras. O mérito da obra de Rolande Fichberg, portanto, se inscreve no quadro historiográfico como

² DUNKER, Christian. Subjetividade em tempo de pós-verdade in *Ética e Pós-Verdade*. Porto Alegre /São Paulo. Dublinense. 2017. Pp.18.

³ Termo consagrado pelo Oxford Dictionaries em 2016. https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html acessado em 6/6/2021.

⁴ MENEZES, Sonia. Negacionismos e histórias públicas reacionárias. Os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade in OPSIS, 19(2), 1–9. <https://doi.org/10.5216/o.v19i2.55707> acessado em 6/6/2021.

⁵ Menezes, Sonia. Op. Cit. P. 5. Acessado em 6/6/2021.

exemplo da história militante pois, como já ensinava Lucien Febvre, a autora não se contentou em se resignar, mas em preencher as lacunas da informação⁶, contribuindo para a construção de uma história pública do Holocausto e dos caminhos percorridos pelos judeus para iniciar uma nova vida.

Andrea Telo da Corte
Outono de 2021

⁶ Febvre, Lucien. Combates pela história, 2ª rd. Lisboa, Editorial presença, 1985. Pp.250

Preâmbulo

Rolande: sensibilidade e amor

Às vezes, quando menos esperamos, a vida nos coloca frente a frente com pessoas e situações que nos impactam com ânimo diferenciado.

Rolande é uma dessas pessoas que nos impregnam com sua energia, sempre renovada mesmo diante de inúmeras dores a que todos somos acometidos, invariavelmente.

Seu modo direto e destemido de encarar as situações de desafio contagia quem está ao seu redor – tanto em situações pessoais quanto sociais, comunitárias e políticas.

Rolande trabalha pelo bem, por todos e para todos. Cultiva laços de amizade de longos anos – algo raro hoje em dia.

Assume responsabilidades por si e pelos outros sem medir esforços.

Este livro é fruto dessas qualidades. Um extenso trabalho de pesquisa – da qual tive a honra de participar – mobilizou várias gerações das suas famílias, materna e paterna, que hoje vivem em diferentes países.

Este livro é fruto dessas qualidades, do qual tive a honra de participar a partir do conhecimento que Rolande tomou de minhas palestras e pesquisas acadêmicas, incluindo entrevistas a sobreviventes do Holocausto segundo o método de investigação das histórias de vida, desenvolvidas desde os anos 1990. Um extenso trabalho de pesquisa, pautado pelo fio da cronologia, desde o nascimento de Rolande até os dias atuais, mobilizou várias gerações das suas famílias, materna e paterna, que hoje vivem em diferentes países.

A memória familiar foi instigada em todos que, de pronto, não mediram esforços para atender às solicitações que nossos levantamentos demandavam na busca da reconstituição das histórias de vida de seus avós, pais, tios, tias, irmã, primos, primas, antes, durante e depois do Holocausto, até o recomeço em condições e lugares renovados, destacando o longo processo até o estabelecimento dos imigrantes.

O vazio deixava de existir a cada informação que ilustrava a sequência dos acontecimentos vividos por parentes e amigos que não mais souberam uns dos outros durante a guerra e mesmo anos depois de terem sobrevivido e refeito as suas vidas.

Sobretudo, todo esse trabalho foi feito a partir de uma raiz única: o amor de Rolande pela vida, materializado em sua doação e entrega plenas para honrar a memória e as histórias de pessoas que desfrutaram do seu amor hoje, onde quer que estejam. Amor esse que também ilumina gerações – os leitores que aprendem com o conteúdo das histórias aqui narradas, mas também com o seu modo de se conduzir na vida, se reerguendo apesar dos infortúnios e impulsionando outros a também se reerguerem. Uma retroalimentação que é também seu sentido de vida.

À Rolande, minha gratidão pela partilha regada a confiança, amizade e amor que nos conduziram a esta obra.

Prof.^a Dr.^a Sofia Débora Levy

Agradecimentos

Este livro é o resultado de um trabalho de pesquisa feito durante mais de dez anos no intuito de ampliar, aprofundar e, eventualmente, corrigir algumas informações descritas no meu primeiro livro, *Meus companheiros de viagem*, inclusive retornando aos lugares onde aconteceram os fatos da minha história.

Eu nunca teria conseguido fazer isto sozinha. Contei com muitas pessoas que me ajudaram em diversas épocas, e hoje quero agradecer pela confiança e disponibilidade de cada uma.

Em primeiro lugar, aos meus parentes que moram no exterior que contribuíram com relatos, fotografias, documentos e me acompanharam a vários lugares. Em Paris, minha prima Monique Kornblum Bouaziz e seu marido, Albert Bouaziz, e meus primos Danielle Kornblum Levy e Yvon Kornblum. Em Israel, Clarice e Henrique Taszman. Em Augusta, na Geórgia, Estados Unidos, minha prima Cynthia Palmer e sua mãe, Madeleine Mitchell (*em memória*). No Texas, em El Paso, meu primo Gui Hauptman. Em Vancouver, no Canadá, meus tios Bernard Rozen, Jacques Rozen, Mariette Rozen Doduck e Esther Rozen Brandt, e minhas primas Bernice e Rochelle, que conseguiram fotografias, documentos e dados das histórias de meus avós e bisavós.

Aos escritores Pierre Smolik, autor de “*Le Manoir de Ban*”, encomendado pela Fundação Charles Chaplin, que nos recebeu no lançamento de seu livro em Vevey, na Suíça, e nos recepcionou especialmente para conhecermos a Fundação acompanhados de Yves Durand, curador da exposição permanente do museu cinematográfico de Charles Chaplin; e Frank Ristorcelli, autor do livro “*Aulus-les-Bains Auschwitz*”, que nos recepcionou no aeroporto em Toulouse, e foi conosco até Villeneuve-de-Rivière e Aulus-les-Bains. Agradeço também ao historiador Fabio Koifman pelas pesquisas realizadas, sem mesmo nos conhecermos pessoalmente.

Ao meu amigo Paulo Jofily de Monteiro Lima, que intermediou meu contato com Edita Spinosi, amiga de infância de minha irmã Mauricette, que já nos recebeu duas vezes em sua casa em Montreux, e todos juntos fomos visitar os lugares na Suíça onde se passou a minha história, incluindo a fronteira com a França por onde ali cheguei com os meus parentes, em dezembro de 1942.

Aos colaboradores deste livro com matérias escritas Jacob Lipster, José Velmovitsky e Andrea Telo da Corte, esta também pela apreciação geral e sugestões para aprimoramento do texto. Inclusive, convidei Andrea para

fazer o prefácio do livro pelo seu reconhecido trabalho como historiadora, em especial pela sua pesquisa sobre os judeus de Niterói, a partir da qual construímos uma amizade que já dura vários anos, com respeito mútuo.

À Ismênia de Lima Martins, professora emérita da UFF, grande amiga e companheira de lutas, por quem tenho grande admiração.

Aos meus amigos da Associação David Frischman de Cultura e Recreação (ADAF), principalmente Edna Graber, sempre pronta para me ajudar a lembrar nomes, pessoas e fatos.

Aos meus filhos que me ajudaram, Clerí, Eduardo e Ilana; ao meu genro Eugenio Arcanjo, que colaborou com pesquisas e revisões; e ao meu neto, Alan Schvartsberg, que tanto me incentivou com as leituras e críticas dos textos.

As minhas sobrinhas, filhas de minha querida e saudosa irmã Mauricette Rozen (*Z'l*), Michelle Tancman da Silva, que prontamente me auxiliou com informações preciosas sobre sua mãe, e Deborah Rozen Santos que tanto se dedicou às pesquisas comigo, madrugadas adentro, à distância, pois ela mora em Angra dos Reis. Deborah foi a minha companheira em viagens ao exterior, refazendo o trajeto feito pela minha família na travessia dos Alpes, e voltando a vários lugares onde ocorreram os fatos aqui relatados.

A Luiz Zatar Tabajara, organizador do meu primeiro livro, e ao seu companheiro, Dr. Flavio Thamsten, os quais consultei em vários momentos para reavivar a minha memória.

E meu agradecimento especial à Prof.^a Dr.^a Sofia Débora Levy, psicóloga e pesquisadora do Holocausto com ênfase na questão do trauma individual e coletivo que, como organizadora desta obra, foi de grande importância para a elaboração desse trabalho, me ajudando a trazer à luz os fatos de minha história. Sofia foi uma pessoa muito exigente, não deixando uma brecha para qualquer dúvida da realidade dos fatos históricos. Minha amizade com a Sofia vem bem anterior a este projeto. Eu a conhecia pelos seus livros e pela sua atuação em entrevistas a sobreviventes do Holocausto. Tivemos oportunidade de realizarmos algumas palestras juntas, e a comunidade judaica de Niterói pôde homenageá-la na Câmara Municipal de Niterói pela sua atuação, como educadora, na preservação da memória do Holocausto. Eu acreditava que só poderia escrever “O Moinho: revisitando a minha história” com a coordenação de Sofia, e foi uma grande alegria dividir as minhas memórias com ela. Deste encontro surgiu uma grande e forte amizade que vem nos guiando por tantos outros projetos em comum.

Por fim, a apoiadora, *Associação David Frischman de Cultura e Recreação* (ADAF), sem a qual esta obra não teria vindo a público.

Apresentação

Quando escrevi meu primeiro livro, *Meus companheiros de viagem*, quis contar a minha trajetória como sobrevivente da Segunda Guerra Mundial, minha imigração e participação política no Brasil, registrando a história da minha família de origem, bem como parentes, amigos e fatos que marcaram a minha vida.

Esse primeiro livro foi escrito a partir das minhas lembranças e de histórias da família que desde criança eu ouvia, contadas pela minha mãe Renée, minha irmã Mauricette e minhas tias Henriette, Sophie e Madeleine. Meu pai, Charles (Szaja) Rozen, falava pouco e somente depois de muito insistirmos. Desde aquela época, achei que a saga de nossa família deveria ser narrada.

Em 1992, após a morte de meu pai, pude retornar às minhas origens, voltando à Suíça para rever meus pais adotivos, que eu havia procurado durante 38 anos e me correspondido por mais seis. Fui também a Paris, rever minha *tante* (tia, em francês) Henriette e os primos Kornblum; e a Bruxelas, onde nasci, para visitar meu tio Jul Rozen e meus primos. Pude, então, ouvir histórias de família que eu ainda desconhecia, e tomei a decisão de escrever um livro. Fui escrevendo as histórias como pequenos contos, até que o livro acabou se tornando realidade no ano 2010.

No entanto, quando os parentes receberam os exemplares, alguns começaram a dizer que a história não havia acontecido exatamente da maneira como ali estava descrito. Resolvi, então, fazer uma checagem e voltar aos locais onde as histórias se passaram. Desde a fronteira da Suíça até os locais dos campos de refugiados na França, passando pelo cemitério de Paris, fui buscar um levantamento extenso para juntar mais dados. Inclusive, me estendi visitando museus dedicados à memória do Holocausto em Paris, Jerusalém e Nova York e acabei concluindo que essa pesquisa mereceria uma nova publicação, ao invés de apenas corrigir os *Meus companheiros de viagem*.

Neste novo livro, destaco as histórias que meus familiares vivenciaram antes e durante a Segunda Guerra Mundial, que no primeiro livro ficaram resumidas, e trago mais detalhes sobre a emigração de minha família para o Brasil em 1947, que também não teve muito destaque na primeira publicação. E ainda, quando visitei meus tios que moram no Canadá, pude colher as histórias e dados de família a partir das memórias deles, inclusive sobre a emigração da Europa no pós-guerra.

Eu narro isso com muita emoção, pois, embora esses fatos tenham acontecido há mais de 70 anos, com as pesquisas que hoje faço e com os meios digitais de checar as informações, consegui rever o passo a passo do trajeto dos meus familiares naquela época, descobrindo até dados dos comboios e campos de concentração para onde alguns foram enviados e como morreram.

Pretendi neste livro destacar o fenômeno da emigração e mostrar para o leitor as dificuldades que o imigrante enfrenta até se estabelecer e se sentir realmente como cidadão do país que o acolheu. Um processo muito lento, que tento apresentar em detalhes. Só quem teve que passar por isso pode avaliar o que é nascer em um país que não lhe dá cidadania e conquistá-la em outro onde se sente inserida.

Mais adiante, descrevo minha dedicação pela vida afora à ADAF, Associação David Frischman de Cultura e Recreação, que nos acolheu na nossa chegada, e a minha convivência e trabalho voluntário por essa instituição que aprendi a amar e respeitar na sua trajetória.

Com este livro, quero também homenagear minha irmã Mauricette, pois nessa retomada pude conviver com Edita Imperatori Spinosi. Mauricette, menina, tinha a mesma idade de Edita quando viveu parte da guerra como refugiada na família Imperatori. Mauricette foi meu braço direito e meu braço esquerdo por toda a vida. Nossos laços de amizade e cumplicidade perduram até hoje, além da vida, assim como perdura a minha ligação com Madeleine, minha irmã de alma, presente na minha história por 80 anos.

Quero também homenagear todos os meus familiares que morreram vítimas do Holocausto, contando a história de cada um – vidas interrompidas que ainda tinham a contribuir em nosso mundo e poderiam ter sido brilhantes.

Registro essa história como um legado para meus filhos, netos e bisnetos, familiares e toda a comunidade, para que não caia no esquecimento. E também como uma mensagem de solidariedade, pois a vida toda nós fomos muito acolhidos, o que nos ajudou a chegar aonde chegamos.

Levo no meu coração todas as pessoas que ajudaram e fizeram a diferença em minha vida.

Rolande Paule Rozen Fichberg

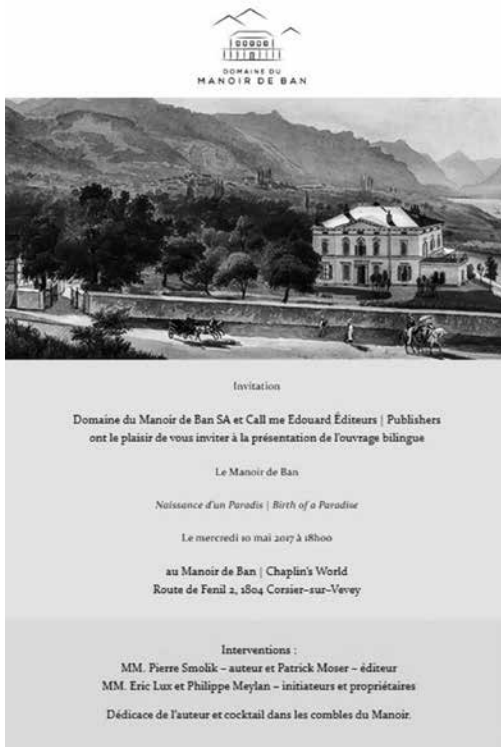
1. Introdução: do presente para o passado

Quando lembro da minha infância, a memória mais remota que me vem é a nossa fuga pela travessia dos Alpes. Eu, com três anos de idade, no colo da minha mãe, no rigoroso inverno do final de 1942. Lembro-me que paramos, em solo francês, numa cabana de lenhadores onde era costume serem deixados alguns objetos e víveres para caso algum viajante precisasse de ajuda para sobreviver.

Na última viagem que fiz à Suíça, em 2017, pude entender melhor, com ajuda dos depoimentos dos meus parentes, como minha família conseguiu fazer a travessia pelos Alpes em quatro dias e três noites, da França para a Suíça, caminhando à noite e se escondendo durante o dia.

Em maio de 2017, estive na Suíça para o lançamento do livro *Le Manoir de Ban*, de Pierre Smolik, sobre a história da mansão onde minha irmã Mauricette, durante a guerra, morou como refugiada com a família Imperatori, na região de Corsier-sur-Vevey. Anos depois, a casa foi adquirida por Charles Chaplin, que lá viveu até 1977, quando faleceu.

O lançamento foi realizado na própria mansão – onde hoje funciona um Memorial e o Museu Cinematográfico Charles Chaplin – ocasião em que várias pessoas foram homenageadas, entre elas minha irmã Mauricette e Edita Imperatori Spinosi. Infelizmente, minha irmã havia falecido no dia 4 de fevereiro de 2017 e viajei com Deborah, filha de Mauricette,



Convite para o lançamento do livro
Le Manoir de Ban, de Pierre Smolik

para representá-la. Paulo Jofily de Monteiro Lima, que é como um filho para Edita e que intermediou o contato entre Mauricette e o autor do livro, também viajou conosco.



Edita, Pierre e France Smolik, Paulo Lima, Rolande e Deborah – Montreux, 2017

Voltar à mansão me deu uma emoção muito grande. Minhas memórias vieram à tona e comecei a lembrar da disposição dos móveis na época da guerra, que permaneciam os mesmos. É como se eu tivesse uma memória fotográfica guardada no fundo do meu ser, que aflorou nessa volta ao *Manoir de Ban*. Nessa visita, conheci Michael, filho de Charles Chaplin, e trocamos lembranças das diferentes épocas em que cada um de nós brincou ali naquela casa – principalmente Mauricette e Edita.



Rolande, Edita e Deborah – *Manoir de Ban*, 2017



Edita, Mauricette – *Manoir de Ban*
(na época, *Champ de Ban*), 1943



Edita, Mauricette e amigos – *Manoir de Ban*
(na época, *Champ de Ban*), 1943



Michael Chaplin, Edita Spinosi, Rolande Fichberg e Deborah Rozen Santos –
Manoir de Ban, 2017

Nessa visita, ficamos hospedados na casa de Edita, em Montreux, adquirida por sua mãe após vender o *Manoir de Ban*. Pedimos a Edita que nos mostrasse a fronteira de cidade de Saint-Gingolph, entre a França e a Suíça, por onde chegamos na travessia durante o inverno de 1942. Hoje esta fronteira está totalmente em território francês, mas naquele tempo era território suíço.

Fomos eu, Paulo e Deborah – Edita não foi conosco, mas nos deu as indicações. Quando chegamos à fronteira, Paulo achou que aquela passagem moderna não era o que estávamos procurando. Ele atravessou a rua e foi até um bar onde alguns homens jogavam gamão. Pediu informações, apontando para mim, dizendo que eu havia atravessado a fronteira vindo